

O horizonte das relações russo-brasileiras sob o governo Bolsonaro

Fernando Xavier, PhD in International Relations (University of Brasilia)

São ainda incertos os rumos da política externa neste novo governo brasileiro. Ainda persiste o projeto segundo qual a diplomacia brasileira deve mudar radicalmente suas diretrizes e enfoques, assumindo uma posição marcada por valores e preceitos como o “antiglobalismo” e o bilateralismo comercial. Esse projeto, respaldado pela massa de eleitores do presidente eleito, Jair Bolsonaro, ficou a cargo diplomata de carreira Ernesto Araújo, nomeado como Ministro de Relações Exteriores mais pelas suas convicções ideológicas do que por experiência institucional. O pano de fundo ideológico dessa nova diplomacia é, invariavelmente, o ultraconservadorismo de matriz religiosa (judaico-cristão), o antiesquerdismo programático e o nacionalismo ufanista. Implementado, o projeto tende a fazer com que o Brasil estreite laços com os Estados Unidos, Israel e outros países europeus comandados por governantes conservadores de direita.

Contudo, alguns temores de que um tal projeto diplomático traga prejuízos econômicos e políticos para o Brasil fez com que um grupo de colaboradores diretos do novo presidente, liderados pelo vice-presidente, o general da reserva Hamilton Mourão, tentem atenuá-lo, inclusive minando a retórica mais combativa do chanceler Araújo. Tanto é assim que o vice-presidente tem se reunido com embaixadores de diversos países – inclusive países ideologicamente não-alinhados, como a China – sem a presença do chanceler, o que não é costumeiro. A imprensa brasileira, a propósito, usou a expressão “cordão sanitário” para descrever o isolacionismo crescente de Araújo.

Qualquer que seja a ideologia que se imponha, a mais ideológica de Araújo, ou a mais pragmática de Mourão, o que esperar do horizonte das relações russo-brasileiro sob o governo Bolsonaro?

Em razão do passado comunista, o atual presidente brasileiro sempre manteve, por muitos anos, uma teimosa suspeita em relação à Rússia. Até hoje, para a direita brasileira e parte da população, o presidente Vladimir Putin é visto como um *apparatchik* soviético, cujos laços funcionais com a KGB não teriam sido definitivamente cortados. Mesmo que influentes analistas brasileiros, como o economista Mailson da Nóbrega, insistam que o “socialismo real” morreu em 1991 e que a cruzada ideológica de Bolsonaro é vã, o fantasma do comunismo ainda rondaria o Kremlin no imaginário de muitos brasileiros – inclusive de parte do círculo hoje no poder. O apoio que a Rússia mantém ao combatido governo de Nicolás Maduro, prestando-lhe algum apoio militar e logístico, ajuda a alimentar aquela fantasmagoria. Em entrevista dada a um canal de TV brasileiro, há algumas semanas, Bolsonaro demonstrava preocupação com manobras da Rússia na Venezuela, e chegou a cogitar a instalação de uma base militar americana no Brasil.

Há, porém, uma parcela do governo que enxerga a Rússia de Putin como um Estado mais próximo do conservadorismo religioso (ligado ao clero ortodoxo) do que do liberalismo de esquerda associado com a revolução estudantil de 1968. Nela se inclui o chanceler Araújo. Ainda em 2018, antes de assumir como ministro, ele chegou a propor um “pacto cristão” com os Estados Unidos e a Rússia, para com ele contestar o “eixo globalista” que seria engendrado por China, Europa e pela esquerda americana. E dizia isso ao tempo em que criticava a participação do Brasil em foros multilaterais e se retirava do Pacto Global pelas Migrações da ONU.

É possível que essa impressão de alinhamento moral e político que o chanceler enxergue entre Brasil e Rússia – ou entre Bolsonaro e Putin –, tenha sido reforçada pela cortesia dispensada pelo governo russo ao novo presidente logo após o resultado vitorioso nas eleições. Bolsonaro respondeu à parabenização que recebeu da conta no Twitter @KremlinRussia_E com um “Thank you

President Putin!” através de sua conta pessoal, em 29 de outubro de 2018. Além do tuíte, o dirigente russo encaminhou ainda um telegrama de felicitações.

Ainda que Putin possa, de sua parte, manter alguma desconfiança em relação ao inconstante Bolsonaro, estendeu-lhe a mão novamente através de uma carta enviada em fins dezembro de 2018, enfatizando as possibilidades de parcerias estratégicas entre seus países. Dias depois, viajaram para representar a Federação Russa na posse presidencial o Presidente da Duma Legislativa, Vyacheslav Volodin, e a sua vice-presidente, Olga Epifanova. A comitiva russa também se encontrou com o atual Presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, Rodrigo Maia, cotado para se reeleger ao cargo com o apoio de Bolsonaro e de seu partido (Partido Social Liberal).

Se os receios ideológicos se dissiparem e as afinidades aumentarem, é provável que Araújo passe a defender com mais ênfase a aliança com a Rússia, inclusive no âmbito dos BRICS, para contrapor a força chinesa no bloco. A propósito, os receios da direita brasileira recaem também (ou com mais ênfase) sobre o governo de Beijing, que, mantendo-se formalmente “comunista” a despeito da abertura econômica das últimas décadas, é hoje a maior encarnação do “perigo vermelho” para os anticomunistas brasileiros. Em um polêmico artigo, quando ainda tentava se projetar como candidato à chancelaria, Araújo defendia que era preciso “resistir à China maoísta”.

Mas e se Araújo for eclipsado e se sobressair a Realpolitik hoje defendida por Mourão? Do mesmo modo, todos os caminhos parecem levar a Moscou, senão como primeiro destino, então ao menos como um caminho sem obstáculos. Recentemente, em entrevista, Mourão disse que não entendia a aproximação forçada entre Brasil e Israel, insinuando contrariedade à ideia de transferência da embaixada brasileira para Jerusalém, como que imitando Trump. Na mesma entrevista, chegou a questionar: “Vai todo mundo virar fã dos americanos de qualquer jeito?”.

Sem dar muito peso ao anticomunismo que também partilha, é possível que Mourão assuma algum papel importante na 11ª cúpula dos BRICS, que será realizada no Brasil agora em 2019. Com inglês fluente, ele pode se revelar um interlocutor confiável aos parceiros do bloco, principalmente em temas como meio ambiente e mudanças climáticas, discutidos com destaque na 10ª cúpula. Enquanto para Mourão não resta dúvida de que há um aquecimento global em curso, para Araújo o “climatismo” seria uma ideologia, uma causa “sequestrada” pela esquerda.

Tanto seja, se somente restarem as impressões pessoais dos seus líderes, o futuro das relações entre Brasil e Rússia também parece favorável.

Bolsonaro é um fã declarado do presidente norte-americano Donald Trump, e do mesmo modo o chanceler Araújo. A relação ambígua que Trump mantém com Putin, ora de respeito, ora de emulação, acaba refletindo na própria forma do novo governo brasileiro encarar a Rússia. Não há dúvidas de que Bolsonaro respeita – e, no fundo, também admira – o presidente Putin. As semelhanças que ambos têm no estilo parecem superar suas diferenças. Os dois incorporam, na visão de seus apoiadores, a figura viril do guerreiro que combate com bravura e impiedosamente os inimigos da nação.

Há relatos de brasileiros que estiveram na Copa da Rússia e se impressionaram com a quantidade de souvenirs de Putin resplandecendo vigor, como aquela famosa montado em um urso. No Brasil, pelo menos em imagens que circulam pelas redes sociais, um culto à personalidade tem emergido em favor de Bolsonaro. São parecidos, cada vez mais, na sacralidade de sua confiada condição de “eleitos”.

O contato pessoal entre Bolsonaro e Putin, e também entre Bolsonaro e o líder chinês Xi Jinping, pode dar a ele um senso de geopolítica mais realista, a partir do que buscará aproveitar

oportunidades de negociação bi e multilaterais, eventualmente passando a impressão para a comunidade internacional de que a arquitetura ideológica do seu governo é, no fim das contas, uma “aldeia Potemkin”.